



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



A PRODUÇÃO DE SENTIDO NO CAMPO TEÓRICO DA AD: UM PROCESSO DE MANIFESTAÇÃO ANALÍTICA A SER CONSIDERADO

Elisângela Leal da S. Amaral¹ (UEMS)
elisilvamaral@hotmail.com

Marlon Leal Rodrigues² (UEMS)
Marlon@uems.br

Introdução

Ao se organizar como ser, o homem se posiciona diante de um outro em relação de existência, ou seja, é da interação que o homem passa a se constituir. Nesse sentido, a linguagem torna-se o instrumento por meio do qual as relações se estabelecem. Assim, desde que passa a existir, o homem se depara com a necessidade de apreender os sentidos. O olhar, o gesto, o sorriso, a fala ou o silêncio, entre outras ocorrências de manifestação de vida, podem ser discursos que suscitam interpretação, busca pelo sentido.

Em Análise de discurso, o sentido se revela atrelado a alguns mecanismos e situações apresentados em tópicos por essa cientificidade. A partir das condições de produção de um discurso e dos gestos de interpretação por meio de polissemia, paráfrase, metáfora, os deslocamentos vão se construindo sentidos entre interlocutores.

Este artigo tem por finalidade sugerir, em alguma medida, reflexão envolvendo alguns casos que se aliam constituindo-se ferramentas que capturam o processo de manifestação de sentidos no campo teórico da Análise de Discurso de linha francesa.

O caso do discurso

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

² Pós-Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor do Curso de Letras e do Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS).

Discurso, “efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2008, p.73), palavra polissêmica no vocabulário de língua portuguesa, é comumente usada por inúmeros teóricos em diversas áreas de delimitação científica. No campo da Análise de Discurso de linha francesa, a palavra de Eni Orlandi preenche os quesitos de definição e entendimento deste assunto. Ao definir discurso como “percurso”, a autora, dessa forma, vem traduzir o aparecimento, presença e possibilidade de continuidade desse fenômeno de uma forma muito significativa ao se ter por base a continuidade da ocorrência do discurso. Sob a ótica da AD, seria improvável se delimitar o ponto inicial de um discurso, bem como estabelecer sua finalização em linha histórico-temporária. Nesse sentido, a definição anterior traduz fielmente a ocorrência deste que se constitui o objeto de estudo da análise de discurso pècheutiana.

Para fundamentar a definição de discurso como “percurso”, conforme foi sinalizado anteriormente, Orlandi volta a contribuir apresentando alguns processos que permitem maior entendimento sobre a constituição do discurso por meio de alguns tópicos:

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:

- 1- Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
- 2- Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
- 3- Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2008 p. 09)

No item de número 1, a autora faz menção da memória, outro elemento polissêmico no sentido de estudo de vocabulário/sentido de/em língua portuguesa. No entanto, para os estudos em AD, a definição de memória utilizada seria emprestada por Pêcheux:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.” PÊCHEUX, 1999, p. 52)

Tal definição vem chamar a atenção para a existência anterior de outros discursos e também de outras memórias provenientes das contribuições da historicidade que acompanha os acontecimentos. Ocorrências registradas nos arquivos da “história” que percorre a existência do chamado “homem”. Nesse ponto de encontro entre o materialismo histórico e a psicanálise – o primeiro trazendo os registros das ocorrências que sinalizam as histórias vivenciadas pela humanidade, demarcada pela atuação de “sujeitos”



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



de diversas épocas; a segunda trazendo respostas que justifiquem a ocorrência e registro dessas memórias além dos processos de arquivo e “metamorfose” do que deveria ser ocorrido, mas volta a ser ocorrência, sob alguma medida, isto é, o passado tornando-se presente, o ontem se apresentando como hoje ou parte dele.

Obviamente, o processo que permite a transformação ou passagem desse mecanismo do interior para o exterior, do imaginário para o real é a linguagem. Afinal, é por meio dela que a tríade psicanálise, materialismo e a própria linguagem vêm ao exterior, apresentam-se, fazem-se conhecidos. Essa é a mesma linguagem por meio da qual outros discursos ocorreram em outras épocas, os chamados interdiscursos, que ficaram, de alguma forma, arquivados na memória, e que se dispersam, passando a fazer parte do processo de esquecimento. A memória tem a propriedade de arquivar a história da humanidade, os acontecimentos que estão do outro lado do dizer e que contribuem para que o discurso venha a fazer um sentido e não outro.

Já a formulação pode ser definida como o momento em que o sujeito, ao escolher o que vai dizer, sofrendo o processo de esquecimento, seleciona o que diz, na medida em que quer dizer, usando o vocabulário que julga conveniente para produzir o efeito que deseja, construindo assim o discurso, ilusoriamente, tendo em si o controle de tudo. Se na constituição estão presentes os interdiscursos com seus ecos históricos ressoando acontecimentos passados, na formulação aparece o intradiscorso, ilusoriamente sendo produzidos sob efeitos que perpassam pela memória discursiva e se apóiam nos esquecimentos para que se produza um discurso “novo”, outro. Enquanto que a circulação se volta para os espaços de percurso, ou vias por onde o discurso circulará e que influenciarão também na produção de seus sentidos.

Nesse sentido, não seria incoerente estabelecer uma linha sequencial que delimitasse o ponto, ou pontos de atuação de cada item sinalizado por Orlandi, a fim de gerar uma compreensão dessas etapas que auxiliam na composição do discurso. Assim, a constituição poderia ser definida como a essência, a matéria prima que compõe o discurso, nasce da memória discursiva, do já-dito, sempre envolvidos pela ideologia. A formulação seria a organização desses componentes essenciais, as medidas selecionadas ou dispensadas desses “ingredientes” arquivados. Já a circulação seria resultado do “desprendimento” desse dizer em relação ao sujeito, o dizer exteriorizado, depois de ser dito, seguindo seu curso por determinadas vias de acesso.

Em todas as suas etapas, “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (Orlandi, 2012, p. 15). Desse modo, não se concebe



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



discurso sem movimento, nem movimento sem história, nem história sem sujeito ou sujeito sem história. O homem que fala é o sujeito, que faz história, que é feito por ela, por meio da linguagem, que materializa a ideologia na ocorrência do discurso.

Por isso, a análise de discurso, originalmente de linha francesa e mais recentemente sendo anunciada como brasileira, devido à grande expressão da pesquisadora Eni Orlandi, vem reconhecer que “O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.” (Orlandi, 2012, p. 15) Isso se esclarece se houver o entendimento de que o homem só se constitui em sua relação com o outro, por meio da linguagem ou do discurso, ou que esse mesmo homem sem a interação não faz história, ou seja, não existe à medida que seria apenas um ser isolado. É no ato discursivo que o homem se faz ser e que sua história vem a se concretizar ou a se circunscrever.

Desse modo, falar de discurso, objeto da Análise de Discurso pêcheutiana ou orlandiana, é falar de algo sem começo e sem fim, já que “Como sabemos, o discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre “pedaços”, “trajetos”, estados do processo discursivo.” (Orlandi, 2008, p. 14).

O caso da polissemia e da paráfrase

Sendo o discurso o objeto de estudo da AD pêcheutiana, estruturado sob fatores como historicidade e ideologia, há sempre uma permanência do já dito em toda formação discursiva. Ainda assim, apesar de um discurso não ser genuinamente novo, também não é o mesmo, há dados envolvidos que o transformam. O sujeito pelo processo de esquecimento, acredita que é criador do discurso, e sob alguma medida, é. o processo parafrástico que, nesse sentido, vem garantir uma espécie de continuidade à História, vem trazer o “novo” acontecimento por meio do discurso, lugar de materialização da ideologia, onde as práticas vão se consolidar.

Dessa forma, o sujeito resiste ao fato de não estar no controle, por meio da memória e do esquecimento. Nesse processo, a memória, repleta de arquivos de interdiscursos, entra em dispersão, pressuposto para o complexo adâmico do sujeito, ou nas palavras de Eni, “sonho adâmico” (Orlandi, 2012, p. 35).



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



Mais uma vez, a AD recorre ao inconsciente, para fundamentar o processo de formação discursiva, explicando a relação de formulação do discurso, em que atuam também os interdiscursos e o intradiscorso usando o seguinte mecanismo:

Para os nossos propósitos, diremos então que o pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente.” (PÊCHEUX, 2009, p. 163).

Desse modo, a partir do “arquivo” dos interdiscursos na memória, o sujeito “produz seu” intradiscorso: “*simula o interdiscurso no intradiscorso*” (Pêcheux, 2009, p. 165 – grifo do autor), parte da resistência ao fato de não ser o primeiro, nem agente de seu dizer. Nesse sentido Eni afirma que “às vezes, lembrar é resistir e, às vezes, esquecer é que é resistir.” (Orlandi, 2000, p. 107)

Nesse processo de “criação do discurso pelo sujeito”, realidade e ilusão se completam: há o real da história atingindo o sujeito por meio da ideologia, registrado por um discurso já dito, já significado, que passa a ser (re)formulado por meio de novos enunciados, numa relação parafrástica:

Todo sujeito-falante “seleciona”, seleciona no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada* (PÊCHEUX, 2009, p. 165 – grifo do autor).

É a paráfrase que vai sustentar a ocorrência do esquecimento número 2, conferindo ao sujeito a ilusão de que ele “decidiu” produzir aquele enunciado e não outro. Nas palavras de Pêcheux: “[...] o espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza uma formação discursiva aparece como o lugar de constituição do que chamamos o *imaginário linguístico* (corpo verbal) (Pêcheux, 2009, p. 165 – grifo do autor).

Pode-se concluir que “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer.” (Orlandi, 2012, p. 36), ou em outras palavras, por meio da paráfrase, “Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado.” (idem).

Eni traça uma relação comparativa entre paráfrase e polissemia. Para a autora, a primeira representa “o mesmo” a segunda “o diferente” (Orlandi, 2000, p. 107) Nesse sentido, a combinação das duas garante a permanência contínua da historicidade, ou seja, enquanto a paráfrase assegura o discurso já-dito, que marca a



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



história passada, no presente, a ruptura com o mesmo possibilita o aparecimento de um outro sentido, o que permite a noção de futuro, já que o mesmo nos eternizaria a viver apenas no passado. Tal ocorrência torna-se possível pelo equívoco presente na língua e na ideologia. De outro modo todo discurso seria sempre o mesmo, assim como o sujeito nunca seria outro.

Nesse sentido, o trabalho da polissemia garante continuidade de existência discursiva, de existência de sujeito no decorrer da história, garante a produção de discursos outros, já que “[...] na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.” (Orlandi, 2012, p. 36). Assim, na liberdade possibilitada pelo equívoco de ocorrência de novos sentidos, duas realidades se firmam sustentadas pela tensão presente entre si: de um lado, a paráfrase prende uma ponta do discurso ao passado real, à historicidade transportada pela ideologia; de outro lado, a polissemia lança outra ponta do discurso na direção do novo, do que é criativo.

O caso da formação discursiva

“A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” (Orlandi, 2008, p. 43). Em outras palavras, ao “produzir” um discurso, o sujeito passa por um processo de ilusória seleção de vocabulário, bem como “assume” um posicionamento diante dos fatos, isso vai determinar o que será dito em forma de discurso a partir do “lugar” onde se situa, ao qual está inserido.

No processo contínuo de historicidade, mobilizado pela ideologia que atravessa os tempos, dentro de dadas condições de produção, discursos são “suscitados” na busca pela continuidade da realização da história. Diante do rumo dos acontecimentos sujeitos são interpelados por essa ideologia, instigados a representarem determinados aparelhos ideológicos e, como representantes dessas instituições, são posicionados em determinados lugares a fim de, por meio da linguagem, materializarem tal ideologia no lugar chamado discurso, conforme afirma Eni: “As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.” (Orlandi, 2012, p. 43)

Nesse sentido, pode-se dizer que os sentidos buscados em respostas por outros sentidos no processo ininterrupto da história alcançam determinado sentido – e não outros – pela formação discursiva que se



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



estabelece em oposição a outras. Nesse jogo, pode-se entender formação discursiva como sinônimo de filiação significativa, ou nas palavras ditas por Eni: “Formações discursivas, a rede de filiações de sentidos” (Orlandi, 2008, p. 10)

Para falar de formação discursiva, é necessário que se lembre de palavras. Lembrar também que elas não são transparentes como se fosse possível atravessá-las e encontrar um sentido determinado do outro lado. Já ficou claro, por meio do referencial teórico da AD, que isso não ocorre dessa forma, mas que o sentido das palavras se estabelecem por sua relação com outras, provenientes de interdiscursos, de já-ditos, de historicidade, nesse sentido também determinado por outra formação discursiva, que ao serem opostas num outro momento a outras palavras, terão sentidos depreendidos sob essa perspectiva e não sob outra. Nesse sentido, “As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações.” (Orlandi, 2009, p.46) Nunca pré-estabelecidos ou simplesmente dicionarizados.

É assim que “As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações.” (Orlandi, 2012, p. 43) Isso ocorre devido à ideologia. Essa linha imaginária que une os discursos de todos os tempos, seja em que relação for. Os discursos outros permanecem em algum arquivo, em alguma memória e em alguma medida tal, que a qualquer momento, estejam aptos a se movimentarem, numa existência eterna, deslocando-se em direção à formação de novo discurso, com um novo sentido, a partir de um dado posicionamento.

Nessa relação de deslocamento, a interpretação torna-se possível, o sentido se revela, a ideologia se manifesta por meio do simbólico. As palavras se aproximam ou se opõem pela materialidade que carregam.

O caso da prática discursiva

Se na filologia havia a preocupação com “o que o texto queria dizer”, na Análise de discurso não se procura no texto – que também pode denominar o discurso, já que discurso também é texto – a evidência do sentido. Ao contrário, enquanto para a hermenêutica tradicional o sentido era depreendido do interior do texto, de sua estrutura enquanto linguagem, para a AD o sentido é exterior ao discurso. Encontra-se na materialidade da ideologia por meio da linguagem, do sujeito no realizar do discurso. “Na análise do



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social, geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2012, p. 15).

O sentido do discurso, proveniente das condições de produção, no que tange às palavras, requer o deslize metafórico, a polissemia, a paráfrase para construir seus efeitos, para instaurar-se no real da história de hoje, transportando o real da história dos “ontens” a caminho da história que virá. Nesse jogo, o sujeito não pode não produzir sentido. A ideologia dita o que vai ser dito como um sussurro ao ouvido, para que a memória discursiva, usando dos esquecimentos iluda esse sujeito e, desse modo, ele se posicione frente aos fatos, selecione o que dizer e como dizer.

Ao dizer, sujeito e sentido vêm à tona, em existência mútua, não por meio da estrutura da linguagem, mas por seu funcionamento, sua ocorrência registrando-se na história por meio dos registros na história. “O que chamamos discursividade é justamente a inscrição dos efeitos da língua na história.” (Orlandi, 2008, p.20). São os já-ditos e os não-ditos se juntando pelo equívoco da linguagem, tornando-se algo real, ou seja, os interdiscursos, “metamorfoseando-se” em intradiscursos, abrindo as asas de um novo discurso outro.

Sendo o discurso constituído por palavras que não trazem consigo um sentido literal, mas histórico, ou seja, dependente de relações da historicidade, que envolvem o sujeito e o lugar de onde essas palavras são proferidas, a discursividade pode ser definida como o discurso ganhando/fazendo sentido, inscrevendo-se na história. E como toda a história está imersa em ideologia, Eni diz que a discursividade é “a maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.” (Orlandi, 2012, p. 43).

O que pode ser observado sendo dito de outra forma pela mesma autora:

A relação da ordem simbólica com o mundo se faz de tal modo que, para que haja sentido, como dissemos, é preciso que a língua como sistema sintático passível de jogo – de equívoco, sujeita a falhas – se inscreva na história. Essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a discursividade. (ORLANDI, 2009, p.47)

Nesse sentido, a prática discursiva é o que permite a constituição do discurso por meio de seus elementos essenciais, em que não se separam ideologia, sujeito e linguagem. Essa ligação, sustentada por Eni, esclarece que “Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito, inaugura-se a discursividade.” (Orlandi, 2009, p.45) Em um processo sempre e novamente.



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



O caso da prática não discursiva

Distinguindo-se das práticas de interpretações antigas, em que se buscava o sentido escondido e possível de ser encontrado “atrás” do texto, a Análise de discurso surge e se organiza em um referencial teórico que lhe permite buscar o sentido que se manifesta em um contexto histórico, amparado e direcionado pela ideologia. Por meio de atributos da polissemia, paráfrase, metáfora, entre outros dispositivos, a análise de um discurso se diferencia da interpretação de um texto de autoria.

É nesse sentido que texto se diferencia de discurso. “Se a discursividade é incomensurável em seu real, o texto representa imaginariamente o dizer como uma extensão com limites, pausas, beiradas (bordas) possíveis. E o autor se representa como responsável na origem do texto que produz.” (Orlandi, 2008, 93). O que a Análise de discurso vem propor é que o texto seja visto como parte incompleta de um real da história. Produto de interdiscursos dispersos na memória. Produzidos a partir de um determinado lugar discursivo.

Apesar de longa, uma citação de Orlandi desempenha os papéis de definir pontos relevantes nessa distinção, ao mesmo tempo em que mostra o quão complexo e relevante é este assunto para a AD:

Criticando a Nova Retórica – que segundo Kuentz (1981), é um retorno ao velho estoque do idealismo humanista – este autor recusa (e estou de acordo com ele) a maneira como o texto, excluído no momento da ascensão da Linguística, entra por outra porta na fase de sua expansão. Mesmo que esta extensão permita reintegrar o sujeito (por uma teoria da enunciação), a situação (por uma teoria pragmática) e os enunciados complexos por uma linguística textual), ela introduz noções frágeis como a de gênero e de autor, tal como o vê Kuentz (ibidem), na herança foucaultiana, assimilados pela onnipresença do efeito literatura na definição do objeto da análise de discurso. A redução da Retórica Literária confina ao mesmo tempo o corpus só a uma forma de materialidade, a materialidade, a materialidade textual, tomada nessa perspectiva como uma materialidade naturalizada, que é o “lugar da ancoragem das operações de uma inclinação sobre o puro linguístico.” A pseudo-materialidade do texto (reduzida ao linguístico) permitiria assim ocultar a materialidade do discurso. Estamos de acordo com as críticas de Kuentz, partimos mesmo delas, mas nosso objetivo é re-definir a noção de texto a partir da materialidade do discurso, isto é, a materialidade linguístico-histórica. Ao objeto teórico “discurso” corresponde assim o domínio analítico do “texto”, constituído pela relação da língua com a exterioridade. (ORLANDI, 2008, p. 73/74).

Nesse sentido, para a AD, todo discurso se situa no equívoco da língua e da produção de sentido, que sempre permitirão que o sentido seja um e não outro pelo processo de constituição e formulação do discurso admitindo sempre a possibilidade de que fosse outro. Um produto do entrelaçamento da Psicanálise, Linguística e materialismo histórico, do qual não se conhece o início nem se determina o fim. Está sempre

inconcluso. Sujeito a falhas, a deslocamentos, a novas formulações. É assim que o discurso, embora enquanto texto, apresenta-se sempre arraigado a outros discursos anteriores a ele, os já-ditos, sempre passíveis de análise por se inscrever na história, no real, na materialidade. Nunca de forma isolada, puramente linguística ou em um contexto à parte. Em AD, nada está à parte, à margem, porém todo gesto, discurso outro, representação, e até o silêncio estão circulando, percorrendo a existência histórica, viajando pela ideologia, suscitando interpretação analítica, deslocando dizeres para que se construam sentidos entre o sujeito e seu outro.

Ao passo que o texto “puramente linguístico”, construído por um autor “senhor de si”, “desvinculado” das condições de produção do discurso, teoricamente se predispõe isolado, com objetivos pré-definidos ou pré-estabelecidos, não preocupado com as ocorrências registradas na historicidade, no percurso dos ditos na trajetória do real da história. “[...] com o progresso da linguística, era possível não mais considerar o sentido apenas como conteúdo. Isto permitia à análise de discurso não visar *o que* o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo face a um texto), mas *como* um texto funciona.” (Orlandi, 2008, p. 20).

O caso do sentido

Em Análise de discurso, o sentido não é algo pronto, dicionarizado ou estático. Ao contrário se relaciona ao percurso do discurso, ao movimento relacinado a/relacionando a história. “O sentido decorre das enunciações, atos que se dão no interior das FDs, que determinam o sentido do que se diz. A universalidade e a generalidade estão excluídas”. (Possenti, 2004, p. 361) .

O sentido não é um lugar de caminhos pré-estabelecidos, mas nasce da interpretação, conforme afirma Eni:

[...] não há sentido sem interpretação; b. a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e c. a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos. É preciso lembrar que nesta filiação teórica, não há sentido em si [...] (ORLANDI, 2008, p.19)



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



Desse modo, o sentido se faz compreender por meio de análise. Do uso de polissemia, paráfrase, metáfora. É o deslocamento buscando nos arquivos dos interdiscursos o significado das palavras inscritas na historicidade, no real da história, na materialização da ideologia.

Os sentidos, assim, não são prontos, e a incompletude da linguagem, o equívoco, a possibilidade sempre de outra formulação são o que gera a multiplicidade de discursos. Há sempre a possibilidade de o discurso ou o sentido serem outro. “[...] é justamente pela abertura que há determinação: lá onde a língua passível, de jogo, (ou afetada pelo equívoco) se inscreve na história para que haja sentido.” (Orlandi, 2008, p.20).

Em AD o processo da manifestação do sentido não ocorre isolado da história, antes a ideologia vem trazendo a “força”, o posicionamento de dada instituição ou aparelho ideológico. Ao interpelar o sujeito a produzir um discurso, o jogo da memória buscando os interdiscursos dispersos, o uso dos esquecimentos, enfim o uso dos mecanismos oferecidos pelo referencial teórico constitutivo da AD, as palavras são postas em contato com a história, e desse confronto começa a surgir o que será o sentido.

A Análise de discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nessa opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. (ORLANDI, 2008, p.20)

Em Análise de discurso, o sentido está entrelaçado com história, que está entrelaçada com o homem sob o controle da ideologia. É desse modo que a ideologia interpela o homem a se tornar sujeito e, por meio da linguagem, esse sujeito vem a materializar a ideologia no discurso, na presença de um outro, ao qual se une na construção da possibilidade de ocorrência de sentidos.

Considerações finais

O sentido, objeto de busca constante no intuito de compreender a vida, de se inserir na história não se realiza de forma estática e permanente. Ao contrário, está sujeito a transformações constantes, a outras possibilidades sempre.



EDIÇÃO 14 – 2º SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



Resultado de um complexo processo de formulação, o discurso, objeto de estudo da Análise de Discurso, vem a ser o alvo da busca pela compreensão do sentido. Sujeito aos equívocos e incompletudes da língua, o discurso fica sempre exposto a possibilidades de significar de uma forma ou de outra.

Por meio de mecanismos componentes de seu referencial teórico, a AD estrutura ferramentas capazes de auxiliar no processo de constituição do sentido entre interlocutores. O deslocamento da palavra de uma discursividade a outra, pelos recursos da polissemia e da paráfrase colaboram com a ocorrência de um determinado discurso e seus efeitos, bem como possibilitam a compreensão da língua funcionando pela materialidade da ideologia no discurso, fazendo sentido.

Referências bibliográficas

- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2012.
_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Trad. de Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
_____. **A análise automática do discurso (1969)**. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP. 1990
- POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
_____. **Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. Vol 3. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005